

Ratinho: ideologia e globalização

RESUMO

Ratinho sincretizou-se em *Robin Hood* do horário nobre. Escancarou a janela eletrônica para os excluídos, interpelando-os com o seu código sensacionalista. Instituiu-se como rival do monopólio feudal de audiência da Rede Globo de Televisão, ungido em quase três décadas.

A ascensão do *talk show*, de *Ratinho*, possui parceria com algumas variáveis conjunturais e contextuais. Combina os seus méritos pessoais, inclusive o dote do carisma, com um país órfão de líderes, e com a hegemonia da ideologia neoliberal, avalista da Globalização.

RESUMO

Ratinho is the *Robin Hood* of prime time Brazilian TV. The show opened up the electronic window to the excluded ones, interpellating them with its sensationalist codes. It became a strong rival of the feudal audience monopoly held by Globo TV Network during almost three decades.

The rising up of that talk show and its presenter, *Ratinho*, is helped by some contextual and conjunctural variables. It combines both his personal talent and his charismatic personality with the condition of a country lacking leaders, together with the ideological hegemony of neoliberalism which sustains the Globalization process.

O EX-PEDREIRO E VENDEDOR de churrasquinho Carlos Roberto Massa se fez fenômeno da televisão brasileira. É o carismático *Ratinho*, que materializou a singularidade de um *Talk Show*, com a carne exposta do código sensacionalista.

O presente ensaio, limitado pela marca digital de sua historicidade, apresentará algumas evidências, colhidas na pesquisa, “Comunicação, Discurso e Ideologia: A Construção da Subjetividade no Programa *Ratinho Livre*”. Ela usou os pressupostos de Althusser e Barthes, fixados na produção de sentido, em nível verbal, em cinco edições, de 1997 e 1998, através do Método Dialético Histórico-Estrutural.

1.1 Os Excluídos: Incluídos

O *Programa Ratinho Livre* iniciou na Rede Record de Televisão em 1997. Ficou quase um ano no ar. Chegou a ultrapassar a fronteira dos 30 pontos de audiência. Impôs derrotas à Rede Globo, até então, invencível no horário nobre.

O *talk show* é indissociável do perfil do seu âncora. *Ratinho* possui uma trajetória singular. Foi pedreiro e vendedor de churrasquinho. Depois, ele ingressou no rádio paranaense. O êxito radiofônico visou a seu passaporte para a política. Elegeu-se, por duas vezes, vereador e, posteriormente, deputado federal.

Na televisão, o seu berço foi a Central Nacional de Televisão (CNT), com o *Programa 190 Urgente*, somando até nove pontos no Ibope. Acabou despertando o interesse das grandes redes. Foi disputado pela Bandeirantes, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e Record. Preferiu aceitar a proposta da Record.

Bom frasista, *Ratinho* (1998: 105) produz uma metalinguagem sobre o seu pro-

Roberto Ramos

Prof. do Programa de Pós-graduação da FAMECOS/PUCRS

grama na Record: “É um tribunal de pequenas causas”. Ele dimensiona, com uma metáfora, pertinente, a trajetória do *Ratinho Livre*.

À primeira vista, pode-se decupar a metalinguagem do comunicador. O programa filiou-se ao gênero *Talk Show*, porém com uma singularidade. Fez dos problemas sociais, quotidianos, presenteístas, dos pobres, seu objeto, abordado pelos traços da estética sensacionalista.

Em 1988, aproveitando a brisa da redemocratização nacional, Jô Soares trouxe o *Talk Show* para o Brasil. O seu *Jô Onze e Meia*, no SBT, há uma década, abriu a janela eletrônica para a paisagem da simbiose informação-diversão pelos caminhos da entrevista.

Ratinho Livre buscou a sua própria indumentária como *Talk Show*. Vestiu-se, com os trajes quixotescos dos programas, consagrados, no rádio, pela audiência, mas como investimento televisivo em rede nacional.

A Record, após a notoriedade nacional com os festivais de música e *shows* variados, nos anos 60, submergiu no ostracismo. Encolheu-se ao tamanho de uma emissora regional. Reencontrou, contudo, as suas medidas, com a rede nacional, a partir do fenômeno *Ratinho*. Ganhou espessura e volume, como peça do AIE de Informação.

Squirra (1993: 142-143) verifica que o telejornal *Aqui Agora*, no SBT, trouxe o “jornalismo popular do rádio para a televisão” na década de 90. Foi uma “cópia do *Nuevediário*, da televisão argentina, inovando, porém com a utilização do plano-seqüência” – a gravação ininterrupta, sem edição.

O *Ratinho Livre* tem uma co-sangüinidade estética com o *Jô Onze e Meia*, pelas veias do *Talk Show*, e com o *Aqui Agora* pelos gens sensacionalistas, oriundos do rádio. Empreende um sincretismo dessas duas estruturas de linguagem, com traços de transgressão, herdados da *Discoteca do Chacrinha*, da Globo e da Tupi, e do *Perdidos da Noite*, da Bandeirantes.

A singularidade do programa não se desvia das virtudes e dos defeitos do seu âncora. *Ratinho* carrega o lastro empírico, com o madeirame do senso comum, admirável pelos seus aclives pragmáticos, autênticos, mas rasos de reflexão. É a emoção à flor e ao espinho da pele.

A emocionalidade jorra de três fontes básicas. Flui pelas interpelações do âncora, dirigidas ao auditório e à equipe de produção, exalando, na aparência, o aroma da dialogicidade. Também flui das entrevistas, onde os pobres ascendem ao palco e aos *spots* televisivos, com a bagagem de suas mazelas, marginalizadas pelo Estado.

Alguns referem, com a pressa, marca digital da ansiedade, a perecividade do programa. Catalogam-no, no seu imediatismo ansioso, como um modismo, uma espécie de bolha de consumo, que se dilui mecanicamente.

Não consideram aspectos essenciais. A estética sensacionalista vem ocupando, gradativamente, espaços, sobretudo, na televisão brasileira. Diferentes programas vêm materializando essa tendência, que encontrou, em *Ratinho Livre*, a consagração de uma singularidade.

Ratinho, em setembro de 1998, deixou a Record. Foi para o SBT, com ganhos superiores a R\$ 1 milhão mensais. A sua antiga emissora o substituiu por Gilberto Barros, ancorando o *Leão Livre*, preservando o parâmetro estético. Logo, se diluem argumentos efêmeros, feitos bolha de consumo, sem assoalho de saber.

1.2 Vértices teórico-metodológicos

A pesquisa teve sustentação teórica nas categorias Discurso, *Fait Divers*, Poder e Mito, de Barthes. Elas foram articuladas com a Teoria da Ideologia em Geral, formulada por Althusser, através da pertinência de seus vértices.

Os projetos teóricos e metodológicos de Althusser e de Barthes, em suas singularidades, abrigam vértices complementares.

Dialogam pelos princípios do Estruturalismo e da Dialética. Relacionam, em suas dobradiças interdisciplinares, o Marxismo e a Psicanálise.

Barthes teve a sua produção, com raízes na Lingüística. O seu solo inicial foi o Estruturalismo funcionalista na semente de Saussure. Foi além. Buscou a territorialidade do translingüístico, colhendo categorias, como Poder e Mito, notáveis por suas densidades interdisciplinares.

Ele chegou a tentar revisar a sua concepção de Mito. Procurava completar a sua incompletude: o sociohistórico. Desejava ampliar o seu horizonte translingüístico, refletindo sobre a Ideologia já refletida e teorizada por Althusser (1969). Eis outro elo entre ambos.

Com seus passos, marcados no chão do Marxismo, Althusser redimensionou-se. Compatibilizou-o com a Psicanálise, através da Dialética, do Materialismo e do Estruturalismo. Fixou a Filosofia, como reflexão sociopolítica. Não alcançou a terra prometida do Lingüístico, a não ser em fragmentos esparsos.

A tessitura teórica de Althusser apresenta uma marca indelével no seu texto e no seu intertexto. É a influência da Psicanálise, legada pelas leituras de Freud e de Lacan. Foi determinante da sua concepção de Ideologia, da sua distinção entre as dialéticas marxistas e hegeliana e da sua formulação da Dialética Histórico-Estrutural. Quem não a ver, enxergará somente reducionismo e, tal como Édipo, tentará matar Althusser...

Por caminhos desiguais, os passos dos dois teóricos desenharam um mapa, com vértices teórico-metodológicos afins. As categorias *Fait Divers*, Poder e Mito, do semiólogo, têm correspondência com a Interpelação, Reconhecimento e Sujeito, do filósofo. Há, ainda, a categoria Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE), de Althusser, para dar conta das questões contextuais da discursividade. Nesse sentido, ocorreu a relação dos vértices entre Barthes e Althusser, para a pesquisa do *Pro-*

grama Ratinho Livre.

1.3 *Fait Divers* e Ideologia

Ao longo das cinco edições de *Ratinho Livre*, de 1997 e 1998, foi possível consagrar algumas evidências. O *Fait Divers*, em suas plurais manifestações, foi o significante invariante da linguagem do programa. Sediou a produção de sentido nas interpelações do âncora com o auditório, com a sua equipe de produção, bem como nas informações, emergentes das entrevistas.

O *Fait Divers*, como significante invariante, desnudou conflitos, anotados no cotidiano. Perfilaram-se em questões de pobreza, de sexualidade e de desavenças conjugais. Tal procissão de miséria foi iluminada pelo sentido absoluto da Fatalidade.

O programa combinou a informação com diversão. Catalogou-se como um *Talk Show*, de auto-ajuda, inscrito na estética do Sensacionalismo, através dos punhos do *Fait Divers*. *Ratinho*, investido na qualidade de âncora, comandou a inclusão dos excluídos. Abriu-lhes a janela eletrônica, para a exibição de suas paisagens, investidas na dor e no sofrimento quotidianos.

A liberdade de trânsito dos excluídos, como protagonistas da cena televisiva teve o ônus de um pedagogo. Foi a necessidade de submissão à imperatividade *Ratinho*, ungido na condição de *Robin Hood* eletrônico, como emissário da Fatalidade.

O âncora concedeu, ainda, espaços no palco para a sua equipe de produção. Trouxe, para os *spots* televisivos, os até então habitantes do anonimato dos bastidores. Foram os casos de *Rodolfo Carlos*, *ET*, *Azulão* e *Azeitona e Caroço*.

Ele encenou a democratização do espaço público, através da aparência do ritual da dialogicidade. Ofertou voz e vez, para que os anônimos fossem fetichizados, como seus degraus, que o elevasse à categoria de *Robin Hood* eletrônico.

Com a recepção, encarnada pela territorialidade do auditório, *Ratinho* prodigalizou os farelos de sua aparente disposição

dialógica. Entronizou *Brasa*, como um *kitch* de liquidação brega de Roberto Carlos, com o crachá de anticantor.

O *Fait Divers*, como significante invariante, denotou conflitos quotidianos, protagonizados por relações sadomasoquistas. Constituiu o signo denotado, instaurando o Sistema de Significação Primário, denotado.

A tragédia grega pontuava-se pelos alinhavos da Dialética hegeliana. Diante dos impasses incontornáveis da historicidade, havia uma recorrência metafísica. Convocava um *Deus-ex-machina*, do Olimpo, para contornar a solução, como jurisprudência do absoluto.

O *Fait Divers*, categorizado por Barthes (1971) nas tipologias da Causalidade e da Coincidência, sustenta o seu cordão umbilical helênico. Possui o seu *Deus-ex-machina*, diagramado pela circularidade da Fatalidade.

Na janela televisiva de *Ratinho*, os conflitos históricos se particularizam nas relações sadomasoquistas. Elas são decodificadas no teclado metafísico por uma única tecla: a Fatalidade.

Em qualquer factualidade histórica, pode-se encontrar algum rastro, ou o dedo da Fatalidade. É uma de suas instâncias, uma de suas explicações. O *Fait Divers*, todavia, a sacraliza como instância e explicação únicas. Eis a sua distorção.

A Fatalidade entroniza o Poder – Libido dominante –, conforme Barthes (s.d.). Unge-lhe na paisagem da individualidade. Desembaraça os embaraços de responsabilidade das subjetividades, porquanto tudo depende de si. Os sujeitos são libertos de suas culpas, de suas negligências e incompetências. Tudo cabe nas costas pacíficas da anatomia da Fatalidade. Tal aforria traz subjacente a etiqueta da submissão.

O domínio da Fatalidade se reproduz pela hierarquia. Ela, como espelho absoluto, arrebanha os seus emissários entre as subjetividades históricas. São os seus síndicos, que perpetuam a sua verticalidade na horizontalidade com os seus iguais

históricos.

O *curriculum* de *Ratinho* é grifado pela noção de ascensão social. O pedreiro se converteu em *estrela midiática*. Emblematiza o fiel da balança da Justiça, benévola ao repartir o pão das oportunidades sociais. Ele é um luminoso exemplo de caso da justeza das teses da Fatalidade. Não quer, como beneficiário, individual, sorver o sabor sozinho. Seria injusto. Deseja multiplicar a sua exemplaridade para os seus irmãos excluídos.

De excluído, ele trocou de margem. Incluiu-se na margem de uma elite. Sincretizou-se em paradigma histórico da força absoluta da Fatalidade. É o seu emissário na historicidade – o *Robin Hood* eletrônico.

Ratinho e os seus parceiros dos conflitos quotidianos, protagonizados pelas relações sadomasoquistas, são libertos dos grillhões da historicidade. Estão submetidos aos grillhões, como pacíficos vasallos, ao suserano absoluto: a Fatalidade.

O Poder, patrocinado pela Fatalidade, exhibe um dom específico. Anestesia os conflitos da historicidade, pecado original dos sujeitos relativos, considerados irresponsáveis pela história. São fetichizados à condição de fantoches, manipulados pelos cordéis absolutos da Fatalidade.

O Sistema de Significação Primário, denotado, agenciado pelo imediatismo do *Fait Divers*, produz um outro sentido, conotado, de calibre coletivo. Dá lugar ao Sistema de Significação Secundário, conotado, tornando-se significante deste.

A Fatalidade, como Sujeito Absoluto, intervém na perspectiva social. Faz dela um experimento histórico, determinado pela sua ingerência metafísica, que monopoliza todo o perímetro da responsabilidade pela história. As sociedades, vigentes, expressas, hegemonicamente, pela moldura do Capitalismo, são desautorizadas em suas autodeterminações. São determinadas pela ingerência metafísica da Fatalidade, que as absolutiza por osmose.

Não cabe uma mudança de vírgula no

texto social. Os sujeitos relativos são irresponsáveis historicamente. Apenas a Fatalidade constrói, desconstrói e reconstrói as formações sociais. Com isso, torna a sociedade burguesa, amparada, hegemonicamente, pela Ideologia neoliberal, sob o signo da Globalização, natural e eterna. Eis a presença do Mito, formulado por Barthes (1993), como forma de fala, que torna as coisas inocentes.

O helenismo do *Fait Divers* conserva, no formol, a essência da Dialética hegeliana. Põe, na vitrine, o conflito e o apazigua em uma síntese absoluta, embriagada pela Metafísica e a Fatalidade.

A interpelação do *Fait Divers* faz de conta que é informativa, voltada para a recepção das consciências. Representa o seu jogo de cena, ensaiado sob o juramento da visibilidade e das transparências sociais. O fundamento de sua interpelação possui um endereço definido. Busca estabelecer o Imaginário, em que possam se projetar os inconfessáveis símbolos do Inconsciente.

Os conflitos históricos, presenteístas, do *Fait Divers* são ícones. Significam a ostensividade, onde devem ser vomitados os conflitos subjetivos, a-históricos, eclipsados no cinemascopo do Inconsciente. A Identificação Projetiva jorra pela fonte da emocionalidade, com dois mecanismos. São a forma e o conteúdo, que asseguram a linkagem do Simbólico com o Imaginário.

Ainda que o conteúdo dos conflitos do *Fait Divers* nada tenha a ver com os conflitos subjetivos do receptor, não há problema. A Identificação Projetiva os sintomiza, *a priori*, pela força da forma, reveladora dos significantes do Inconsciente.

Ratinho, na pele do âncora, encarna-se como um justiceiro. É o *Robin Hood* eletrônico, com seu cacete, instaurando e reinstaurando a visão à cegueira da justiça. Rubrica a inclusão dos excluídos.

Os lenitivos, distribuídos pelo *Talk Show*, em sua pose de socorro social, representam apenas esmolas de materialidade. Transcendem as fronteiras de um favor objetivo. Prestam um repertório de favores

subjetivos. Concedem o Imaginário, onde possa se reconhecer o Inconsciente de seus fiéis telespectadores.

O Poder se legenda pela irresponsabilidade histórica das subjetividades. O Mito se faz pelos músculos da Fatalidade, que constrói, desconstrói e reconstrói as sociedades. Tudo agenciado pelos punhos da Fatalidade, que tem, em *Ratinho*, o seu eleito, o seu emissário entre os sujeitos relativos.

Ratinho, como *Robin Hood* eletrônico, ancora a legitimação do Capitalismo. A sua história pessoal endossa a justiça, promovida pelas oportunidades de ascensão social. Ao incluir os excluídos, substitui o Estado, bem ao sabor do cardápio da Ideologia neoliberal, que sustenta a Globalização.

Ratinho Livre organiza o Imaginário sob medida para o manequim do Brasil. Denuncia o varejo, para manter o atacado. Reduz os problemas sociais para o CEP das subjetividades. Prega a liberdade, sinalizada pelo trânsito da Catarse, como pedágio de submissão a um Sujeito Absoluto: a Fatalidade. É o sentido de sua Dialética hegeliana.

Portanto, esse *Talk Show* é um exemplo de caso, autêntico, no escarro do sangue de seu sensacionalismo. Materializa as práticas do Aparelho Ideológico de Estado de Informação, através da televisão, nos canais abertos, como a sua principal peça. Dá carne e osso à Ideologia neoliberal, que corporifica o processo de Globalização – no cenário da hegemonia internacional do Capitalismo ■

Referências

- 1 ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos Ideológicos de Estado*. 2ª ed.. Rio de Janeiro: Graal, 1969.
- 2 BARTHES, Roland. *A Aula*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- 3 BARTHES, Roland. *Mitologias*. 9ª ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

-
- 4 BARTHES, Roland. *Ensaio Críticos*. Lisboa: Edições 70, 1971.
 - 5 JUNQUEIRA, Alberto. *Ratinho: Coisa de Louco*. Porto Alegre: L&PM, 1998.
 - 6 SQUIRRA, Sebastião. *Boris Casoy: O Âncora no Telejornalismo Brasileiro*. 2ª ed.. Petrópolis: Vozes, 1993.